



Comissão de Pós-graduação

Relatório de disciplina



2014 - 1ºSem - Pós-graduação

DE627 - Seminários Avançados III - Turma A

Subtítulo: Vídeo e documentário: narrativas, identidades, produção e circulação

Subtítulo

Vídeo e documentário: narrativas, identidades, produção e circulação

Sala Sala MM 04 do Depto. de Mídias

Oferecimento DAC Terça-feira das 14 às 17

Oferecimento IA ATENÇÃO: Início das aulas em 11/03/2014

Ementa Configuram um espaço acadêmico para o desenvolvimento de temas específicos, de relevância maior para as áreas abrangidas pelo programa como um todo. Em forma de conferências, palestras, workshops, aulas magistrais, etc devem permitir que os pós-graduandos adquiram uma maior intimidade com formas de abordagem, correntes de pensamento e posições teóricas distintas e/ou complementares àquelas existentes na Pós-Graduação. Por essa razão eles devem ser ministrados, prioritariamente, por especialistas de outras IES do país ou do exterior.

Créditos 3

Hora Teórica 45

Hora Prática 0

Hora Laboratório 0

Hora Estudo 0

Hora Seminário 0

Docentes

Gilberto Alexandre Sobrinho

Critério de Avaliação

Participação crítica durante a disciplina e trabalho final.

Bibliografia

HALL, D., JO FIFER, S. Illuminating video: an essential guide to video art. Nova Iorque: Aperture Foundation, 1990. DEBRUN, M. A identidade nacional brasileira – Estudos Avançados, volume 4, n.08, São Paulo, Jan/Abr, 1990. MACHADO, A. Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Iluminuras, 2007. NICHOLS, B. Engaging cinema. Norton, 2010. QUEIROZ, M.I.P. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. Tempo Social - Rev. Sociologia da USP. São Paulo, 1(1), 1. sem. 1989. RENOV, M., SUNDERBURG, E. Resolutions: contemporary vídeo practices. Minneapolis: Univ. Minnesota, 1996. SANTORO, L.F. A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil. São Paulo: Summus, 1989. SODRÉ, M. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no

Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000. SODRÉ, M. A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro:

Conteúdo

As singularidades da produção independente de documentário no suporte vídeo, durante os anos 80 e 90 serão a tônica dominante do curso. Num primeiro momento, iremos aprofundar a discussão histórico-conceitual sobre as demandas próprias do vídeo. Posteriormente, iremos trazer para a discussão as imagens videográficas, espécie de anti-televisão, produzidas por coletivos tais como TVDO e Olhar Eletrônico que, em certos momentos de sua produção dialogam com a narrativa documentária e elaboram discursos nacionais em chave diferenciada. Serão também exploradas as produções independentes veiculadas pela TV Manchete, por meio das produtoras Intervídeo e Videofilmes, em que se apresentam uma interessante confluência entre as tradições da narrativa cinematográfica, as experimentações do campo do vídeo e as demandas institucionais da televisão comercial para veicularem discursos globalizados. A experiência Vídeo nas Aldeias será considerada também no curso, aqui o vídeo conjuga-se a outras demandas como resistência cultural, processos de alteridade e políticas e estéticas da (auto-) representação. Nessa conjuntura, há coletivos ligados aos movimentos sociais que surgem a partir das possibilidades descentralizadas dos usos da imagem e do som em movimento. Essas práticas surgem ainda sob o regime militar, no início da década de 1980, num momento em que ocorre amenização das restrições políticas por parte do Estado, e então, intensificam-se as manifestações de frentes organizadas. Surgem, assim, demandas de grupos politicamente organizados manifestos por diversos meios, sendo que o vídeo cumpre um papel relevante e estratégico nos processos de educação, informação, reivindicação, visibilidade, memória e criação junto a esses coletivos. Dentro desse novo vocabulário, define-se, também o vídeo popular. Do conjunto dessas práticas, moldam-se também formas alternativas de televisão. Numa primeira sondagem, há uma ampla compreensão da relação entre movimento popular e vídeo popular, manifestos nos trabalhos dos realizadores e dos coletivos. Vou destacar alguns coletivos, que serão enfocados: a Enúgbárijó Comunicações, no Rio de Janeiro, buscava uma ampla articulação nacional, por meio da gravação e da exibição dos acontecimentos ligados às minorias sociais tais como as mulheres, o indígena e, sobretudo, o negro; a TV VIVA, de Olinda, foi a primeira televisão comunitária a céu aberto da América, fundada por Eduardo Homem e Cláudio Barroso, a programação era veiculada em um telão instalado numa Kombi. Pioneira na concepção alternativa de TV popular, atuou no mercado de vídeo educativo e institucional. O Lilith Video, de São Paulo, era formada por mulheres e realizava vídeos sobre temas em que as questões de gênero eram proeminentes. Essas e outras produções serão tratadas no curso.

Metodologia

Aulas expositivas, visionamento de material audiovisual, discussões sobre filmes e textos.

Observação